VIII Simpósio Nacional de História Cultural

MEMÓRIA INDIVIDUAL, MEMÓRIA COLETIVA E HISTÓRIA CULTURAL

Universidade Federal do Tocantins – UFT

Araguaína – TO

14 a 18 de Novembro de 2016

MEMÓRIA, COTIDIANO E REPRESENTAÇÕES DA II GUERRA NO DIÁRIO DO CABO EDSON DIAS SOARES

Antônio Ernesto Viana Soares*

O presente texto investiga as memórias e representações da Segunda Guerra Mundial em escritos pessoais, notadamente em diários e tem como base documental o diário do cabo Edson Dias Soares, redigido durante sua permanência no contingente brasileiro lutando ao lado das forças aliadas nos campos de batalha, na Itália no período de 12/12/1944 a 04/09/1945. Tendo como inspiração a redução de escalas proposta pela micro-história, o propósito é examinar o diário do soldado Edson Dias Soares no tocante à forma, linguagem e composição; a identificação dos elementos usados pelo soldado para representar os campos de batalha em sua narrativa pessoal e ainda a transcrição de práticas, imaginários e ambiguidades que caracterizam o cotidiano dos soldados brasileiros nos campo de batalha.

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL ENTRE A MICRO-HISTÓRIA E O DIÁRIO ÍNTIMO

Observa-se uma mudança fundamental nas práticas historiográficas que se voltam para os arquivos privados. A explicação pode estar, inicialmente, no impulso experimentado pela história cultural e, mais particularmente, na multiplicação dos

* Antônio Ernesto Dias Soares é graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás e pós-graduado em História Cultural pela Universidade Federal de Goiás.

trabalhos que tematizam escritas particulares e íntimas. E ainda, estar ligada à mudança da escala de observação do social, que, principalmente pela via da micro-história e da antropologia passou a se interessar por fontes antes não inteiramente consideradas de valor histórico.

Nesse passo, por meio do diário do soldado Edson Dias Soares é possível perscrutar as representações da Guerra, imaginários que forjaram práticas e podem elucidar o cotidiano dos soldados, suas dificuldades, bem como outros aspectos que só podem ser examinados por meio de um jogo de escalas. Assim, a questão que ora nos move consiste em identificar as representações dos campos de batalha elaboradas pelo soldado baiano Edson Dias Soares em seu diário, os elementos por ele privilegiados, com a finalidade de estabelecer um diálogo entre estas representações e aquelas da história oficial sobre a Segunda Guerra Mundial durante a pesquisa.

Sobre a questão do uso de diários íntimos como fontes para histórias sobre guerras, lê-se em Chistophe Prochasson (1998) que, traumatismo maior da história contemporânea, a Primeira Guerra Mundial foi um período de grande produção de documentos do tipo diários íntimos.

Para os nossos propósitos, é fundamental apresentar o soldado cuja trajetória tem sido objeto de exame em minha pesquisa. Edson Dias Soares nasceu em 23 de fevereiro de 1919, em São João de Vila Nova, distrito de Vitória da Conquista, no estado da Bahia. Primeiro dentre os vinte e um filhos de Laurinda Rosa Soares e de Rozel Dias Soares. No vilarejo de origem, Edson cursou o ensino elementar e lá permaneceu até o começo de sua juventude. Em 1941 ingressou como voluntário no Exército da Capital do Estado (Salvador), 19º BC – Décimo Nono Batalhão de Caçadores, situado no bairro Cabula. Embarcou para a Itália em 20 de novembro de 1944.

Com o título *Acontecimentos durante a viagem do Rio a Itália do Cabo Edson*, redigiu um diário registrando os acontecimentos, desde a saída da Bahia e o embarque para a Itália, a rotina nos campos de batalha italianos, durante os nove meses de combate até seu retorno ao Brasil. A narração do autor em seu diário era mais do que uma forma de passar o tempo, era uma maneira de elaborar a própria experiência, descarregar as tensões, um meio para estabelecer um contato mais próximo consigo mesmo. Nos relatos do autor, nos deparamos com a guerra em suas expressões mais sutis: nas ambiguidades dos relatos que se intercalam entre testemunho e imagem. Neles, há uma clara oposição entre pequenas alegrias emolduradas pelo conflito de fundo. Momentos em que o autor

vai visitar cidades, em que visita cemitérios e chora diante da perda humana. As angústias da guerra perpassam o documento e as cartas enviadas à família.

ENTRE RELATOS E IMAGENS: O COTIDIANO DA SEGUNDA GUERRA

Para o soldado baiano Edson Dias Soares, a prática de escrita se converteu numa forma de tornar suportáveis as tensões vividas no campo de batalha. Foi assim que, na abertura do seu diário, usando linguagem clara, empregando verbos no passado, indicando ações conclusas, ele deu notícias da viagem de cinco dias, da Bahia de onde saíra em 1º de outubro de 1944 até o Rio de Janeiro, onde desembarcou dia 6 do mesmo mês. Nas linhas seguintes, ele começa a narrar a viagem rumo à Itália, o que faz de modo mais detalhado. Fica evidenciada a rigidez das normas. O treinamento de guerra continuava a ser realizado no navio:

> Embarquei para Itália no dia 20 de novembro de 1944 às 6 horas da tarde, o navio desatracou no dia 23 de novembro às 5 horas da manhã e no dia 28 deixei as águas brasileiras. Ao meio dia cheguei a Nápoles dia 7 de dezembro e saltei no dia 10 para entrar em um outro navio. Neste período fui entrevistado pelo correspondente de guerra durante a viagem do navio. A viagem foi a pior possível, quente para não se suportar, depois de 6 horas da tarde ninguém subia ao convés, nem fumava-se. Tirei serviço um dia sim e outro não, tinha treinamento de guerra dentro do navio todos os dias, minha jangada era a 51, bóia quente duas vezes ao dia, é pouco, mas para quem estava de serviço comia-se 3 vezes, para isso recebemos um cartão branco, meu apartamento era 403-L, embaixo e o mais quente, para subir tinha 5 escadas, pois o navio é o maior transporte Norte Americano. (Diário de Edson Dias Soares)

A viagem por terra, após a chegada à Itália, com duração de 50 minutos, foi feita em um caminhão que transportou os soldados de Livorno até próximo à cidade de Pisa, onde foi montado o acampamento. Percebe-se no diário, a rotina do acampamento na Itália. Nos primeiro dias eles faziam treinamento, reconhecimento da área, organização das companhias e pelotões. A agenda do dia 26 de dezembro de 1944 assim se apresentava: 6h30 alvorada; 6h40 missa; 7h café; 7h30 às 12h instrução; 13h visita médica; 16h instrução de rancho. A alvorada, toque de acordar, dava-se às 7 horas da manhã, mas o soldado baiano era encarregado de chamar o corneteiro às 6h da manhã. Inverno rigoroso, “o frio sempre aumentando, a neve não deixa ver o dia”, assinalou, mostrando-se impressionado ao ver passar um colega “na padiola, congelado”. A temperatura era de quatro graus negativos.

A alimentação referida como o "rancho" era fornecida três vezes ao dia, sendo a última refeição às quatro horas da tarde, pois "cinco horas já é noite aqui", conforme relatou em 22 de dezembro. Consistia em frango e macarrão. Feijão e carne frita eram alimentos referidos pelo soldado como "bom almoço". Indiciário do "absurdo que se vê por aqui, tudo isto causado pela guerra" foi o jantar do dia do seu aniversário de 26 anos: oito ovos e polenta, pelo qual pagou quatrocentos e sessenta liras. Os soldados recebiam regularmente cigarro, fósforo e chocolates.

No dia 16 de dezembro, cinco dias depois da chegada em Pisa, tiveram a primeira revista do general Mascarenhas de Moraes e fizeram a primeira marcha em campos italianos. Era sábado. No domingo pela manhã, dia 17, tiveram permissão para ir à cidade. No diário, o soldado Edson faz várias referências ao prazer de ler os jornais, ainda que atrasados, à ida às cantinas italianas, aos vinhos. Assim, a ida à cidade para ele foi uma experiência singular. No entanto, o contato com a cidade trouxe um choque. Foi durante o passeio na cidade de Pisa que se deparou pela primeira vez com o horror da guerra, como relatou:

> Dia 17 de dezembro de 1944: Domingo pela manhã depois do rancho tivemos permissão para ir a Pisa, e lá fomos à missa na catedral, uma beleza! Fiquei imensamente admirado, subi na torre inclinada, outra maravilha! Percorri toda ela, para isto paguei 10 liras, gostei muito. Depois andamos pela cidade onde bem se vê que a guerra quebra e destrói tudo. Familiares nas piores misérias possíveis, gente avançando para pedir comida e cigarro, enfim miséria completa. À 1:30 horas da tarde voltamos, logo chegamos ao acompanhamento, eu recebi capacete de aço e capote americano, já caía a chuva fria e que apesar de cedo parecia noite. Aqui eu sinto mesmo a diferença. Até mesmo no momento que raspei o cabelo ontem eu contemplava a horrível agonia que a Alemanha lançou ao mundo e pedia a Deus para guiar-nos em nossa jornada e livrar dessa miséria. (Diário de Edson Dias Soares)

A cidade moderna, local de conforto e segurança, era uma atração à parte para os jovens soldados. O enlevo que a visita às cidades italianas proporcionava aos soldados brasileiros fica evidenciado quando o soldado Edson escreve. Todavia, a cidade também os mostrava o drama da Guerra:

> Dia 04 de fevereiro de 1945: Domingo, fui premiado com uma passeio a Pistóia, a melhor cidade que vi até agora, tomei vermuti quase o dia todo, almocei no E.G., joguei peteca em uma praça muito plana, experimentei o café italiano, mas nem imita o nosso e nem parece café. Fui ao cemitério onde são enterrados os brasileiros, me emocionei e "chorei da maldade humana. (Diário de Edson Dias Soares)

Nos campos de batalha, as datas festivas tinham um sabor amargo. O Natal e sua véspera foram marcados pelo soldado como "os piores dias": acidente numa mina, uma mudança repentina de barraca, colegas indo para frente de batalha, o almoço atrasado, sons de tiros em lugar daquele das cantigas dos ternos de reis de sua terra de origem:

> Dia 16 de abril de 1945:
>
> Fui ao S-3, pois íamos ter tiros esta semana. Ontem fiz uma carta a Tiotê, hoje recebi cigarros. À tarde, continuamos no tiro antes na mesma área da Companhia. E nessa instrução um praça pisou em uma granada e esta deu o arrebentamento ferindo 15 pessoas, sendo grave, quase todos. Foi o pior desastre até o momento que vi na Guerra, enquanto chegavam às ambulâncias ficamos socorrendo os feridos com o curativo individual que cada um tem, fizemos pontos com o médico, os primeiros socorros, a arca de tiro tornou-se um mini-hospital: 15 homens pelo chão a gemer, só natureza para suportar, hoje mesmo, à noite, morreram 2 colegas dos feridos.

O soldado Edson estava constantemente à espera de seu envio ao *front*. Por sua habilidade na escrita e na instrução, esse dia era sempre adiado. Durante o período em que esteve na Itália, ele se mudou quatro vezes de local para servir a diferentes postos de comando e serviço. Suas instruções de infantaria eram bastante úteis aos que chegavam e assim, dia após dia, os meses iam se desenrolando, vividos na intensidade diária da luta, do cansaço e da espera aliados à disciplina rígida do acampamento.

Edson tentava se reanimar com as viagens, os jogos com os companheiros, ou mesmo com as cartas que escrevia à família, mas suas estratégias de sobrevivência eram sempre matizadas com detalhes de dor e desconforto em vários níveis. Outros relatos falam sobre o fim da guerra, o que não significou o fim do suplício dos soldados que aguardavam, ansiosos, pelo retorno. Em seu testemunho, pode-se ler sobre as comemorações no acampamento e sua elaboração do desfecho do conflito. "O mundo ficaria sabedor de nossa força", concluía.

Nesse sentido, muito mais do que uma mera fonte para o conhecimento das experiências de um soldado na segunda guerra, o diário tem se revelado como um documento a partir do qual podemos dimensionar o significado do cotidiano de um soldado num campo de batalha. Tão importantes quanto as informações relativas aos acontecimentos históricos, aquelas passagens nos quais o autor do diário nos fala da saudade da família e dos amigos que ficaram na Brasil, do horror da guerra e dos companheiros feridos nas batalhas, dentre muitas outras, revelam-se como objetos ou

elementos de reflexão, uma vez que a partir delas podemos dimensionar a crueldade que pode ser corporificada nas relações de intolerância entre as nações.

Narrativas como a do cabo Edson são documentos imprescindíveis para reconstruir a trajetória dos soldados brasileiros na Itália. O relato do soldado, mesmo não tendo sido enviado ao *front*, elucida o dia a dia dos acampamentos; os sentimentos íntimos de confiança ou medo que afligiam os soldados nos campos de batalhas; as estratégias pessoais ou coletivas de assimilação e superação do horror provocado pelas mortes dos companheiros - seja pelo lazer ou sublimação de sentimentos por meio da escrita de cartas, de viagens curtas em períodos de folga, dentre muitos outros aspectos.

Consideramos, dessa forma, que o exame do diário de Edson Dias Soares tem sido capaz de desvelar os aspectos subjetivos e representacionais de um soldado no campo de batalha. A guerra é um conflito que não ocorre somente nas trincheiras, mas se dá também nos arredores, nas táticas de apoio à disputa, nos silêncios de pequenos atos, na invisibilidade cruel das práticas em todos os seus espaços de estratégia e organização. Uma guerra começa a se configurar na juventude entregue ao corpo de uma nação idealizada, na rígida disciplina dos acampamentos, nas sensibilidades forjadas no medo e na saudade, na expectativa da morte à espreita. Como acessar, entretanto, aquilo que só se revela no âmbito da prática cotidiana? Na linhagem das práticas historiográficas adotadas por esta pesquisa, experimento o uso das categorias de vida privada e cotidiano. Experiência que vem desta tradição renovada pela história cultural em perspectiva micro-histórica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 5, n. 11, 1991 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php? Acesso em 18 Agosto 2012.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários.** 12 ed.rev. em ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.

MORAES, João B. Mascarenhas de (Mal). **A FEB pelo seu Comandante**, S. P., Progresso Editorial, 1947.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O corpo e a alma do mundo. A micro-história e a construção do passado. São Leopoldo, **História**. Unisinos, v. 8, n° 10, p. 179-189, jul. dez. 2004.

PROCHASSOM, Chistophe. Atenção Verdade!: Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas. Trad. Dora Rocha. In; **Revista Estudos Históricos**, N. 21. 1998.

SOARES, Antônio Ernesto V. **Diário da segunda guerra mundial de Edson Dias Soares**. Goiânia: Editora Kelps 2007.

VAINFAS, Ronaldo. História da Vida Privada: dilemas, paradigmas, escalas. In. **Anais do Museu Paulista,** Vol.4, jan./dez,1996.p.09-27. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v4n1/a02v4n1.pdf Acesso em 19 de janeiro de 2013.